

AUDIODESCRIÇÃO NA EDUCAÇÃO BÁSICA: CONTRIBUIÇÕES DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA BRASILEIRA

AUDIODESCRIPTION IN BASIC EDUCATION: CONTRIBUTIONS OF BRAZILIAN SCIENTIFIC PRODUCTION

GABRIELA ALIAS RIOS

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SÃO PAULO (IFSP)

gabriela.alias@ifsp.edu.br

Resumo: A audiodescrição pode ser utilizada na educação básica como recurso de tecnologia assistiva, de forma a oferecer equiparação de oportunidades aos estudantes. Neste capítulo é trazida a perspectiva de recorte da produção científica brasileira nos últimos cinco anos considerando a aplicação da audiodescrição na educação básica, e que foram disponibilizadas no Portal de Periódicos da Capes. Os artigos analisados evidenciam lacunas na pesquisa brasileira quanto à aplicação da audiodescrição na educação básica, bem como lacunas na formação de professores que atuam na educação básica. Ainda, fica evidente a necessidade de pesquisas que aprofundem a investigação quanto à aplicação da audiodescrição na educação básica na prática. Ao final, são apontados alguns questionamentos que podem nortear pesquisas futuras na área.

Palavras-chave: Audiodescrição. Práticas pedagógicas inclusivas. Educação inclusiva.

Abstract: Audio description can be used in basic education as an assistive technology resource to provide equal opportunities for students. This chapter presents an overview of Brazilian scientific production over the past five years, focusing on the application of audio description in basic education, as made available in the CAPES Journal Portal. The analyzed articles highlight gaps in Brazilian research concerning the application of audio description in basic education, as well as gaps in the training of teachers working in this field. Moreover, the need for research that delves deeper into the practical application of audio description in basic education is evident. Finally, some questions are raised that may guide future research in the area.

Keywords: Audio description. Inclusive pedagogical practices. Inclusive education.

1 A AUDIODESCRIÇÃO NA ESCOLA

A política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva viabilizou a educação de todos os estudantes no contexto das salas comuns nas escolas regulares. Como apontado na Constituição, a educação é direito de todos e, nessa perspectiva da democratização do acesso, a educação inclusiva aponta para as mudanças necessárias na escola para acolhimento e atendimento à diversidade.

No âmbito pedagógico, a reorganização das práticas adotadas em sala de aula se faz necessárias para que nenhum estudante fique para trás. Conforme aponta Mendes (2023), as práticas universalistas, como o desenho universal para a aprendizagem, por exemplo, são abordagens que consideram a individualidade e as diferenças dos estudantes, viabilizando que o professor ensine a todos e a cada um. Nesse contexto, recursos de tecnologia assistiva são bem-vindos para o processo de escolarização de estudantes que demandam adaptações nos materiais didáticos. A audiodescrição tem a potencialidade, na sala de aula, de ser utilizada como um recurso de tecnologia assistiva que proporciona o acesso ao mundo imagético por estudantes com deficiência visual, considerada a grande quantidade de imagens que faz parte de uma aula – sejam elas impressas ou digitais, estáticas (como fotografias, charges, desenhos etc.) ou dinâmicas (como vídeos, gifs, filmes etc.).

As imagens apresentam intencionalidade comunicativa e podem ter atreladas a elas significados diversos – por exemplo, em uma aula de língua portuguesa, o professor pode selecionar uma propaganda cujo texto verbal seja contraditório ao que está posto na imagem. Como pontua Santaella (2012), as imagens nem sempre são apenas decorativas; podem, por sua vez, antecipar sentidos que serão construídos ao longo da leitura ou do texto (MOTTA, 2016). Quanto à relação entre imagem e texto, Santaella (2012) aponta que as imagens podem apresentar informatividade, com informações além das que estão colocadas no texto; de complementaridade, sendo tão importante quanto o texto; ou de discrepância, como mencionado no exemplo na aula de língua portuguesa, em que imagem e texto se contradizem. Por isso, oferecer recursos de tecnologia assistiva como a audiodescrição na escola se faz importante.

Por tecnologia assistiva, entende-se:

Tecnologias Assistivas são uma área do conhecimento, de característica interdisciplinar, que englobam produtos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivam promover a funcionalidade, relacionada à atividade e participação de pessoas com deficiência, incapacidades ou mobilidade reduzida, visando sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social (BRASIL, 2007, p. 3).)

Com base Cruz (2016, p. 48), define a audiodescrição como:

A audiodescrição é um recurso de tecnologia assistiva que se concretiza como uma atividade de mediação linguística, uma modalidade de tradução intersemiótica, que transforma o visual em verbal, abrindo possibilidades maiores de acesso à cultura e à informação, contribuindo para os processos de inclusão. O recurso consiste na tradução de imagens em palavras. É, portanto, também definido como um modo de tradução audiovisual intersemiótico, em que o signo visual é transposto para o signo verbal. Essa transposição caracteriza-se pela descrição objetiva de imagens que, paralelamente e em conjunto com as falas originais, permite a compreensão integral da narrativa audiovisual.

A audiodescrição, portanto, pode ser utilizada na educação básica como um recurso de tecnologia assistiva para a criação de ambientes mais inclusivos, conforme os pressupostos da educação especial na perspectiva da educação inclusiva. Além de colaborar para o acesso ao universo imagético presente na sala de aula aos estudantes com deficiência visual, é um recurso potente para o trabalho com todos os estudantes, uma vez que colabora para a ampliação do repertório lexical.

Conforme aponta Cruz (2016, p. 68), a audiodescrição é diferente da descrição, uma vez que para “[...] ser considerada audiodescrição sua principal característica é a intencionalidade empregada na tradução dos eventos imagéticos”. Ainda, a audiodescrição é uma modalidade de tradução (intersemiótica), a qual precisa colaborar para que o estudante com deficiência visual tenha acesso à imagem audiodescrita. Cruz (2016) e Motta (2015) pontuam que a audiodescrição conta com elementos que a diferenciam do gênero descritivo, mas que se assemelham ao bom manejo da língua portuguesa e à redação, como apresentação dos elementos de forma concisa e objetiva; uso adequado de advérbios, adjetivos e substantivos, condizentes com o gênero textual ou o produto a ser audiodescrito; a não repetição de palavras; a organização sintática para o encadeamento coeso e coerente. Em relação às escolhas tradutórias, as autoras pontuam a necessidade de considerar a não interpretação da imagem audiodescrita; a priorização de informações, principalmente em relação à audiodescrição de imagens dinâmicas (como vídeos,

filmes, peças de teatro, entre outras). A organização do discurso audiodescritivo precisa se dar para facilitar a construção da imagem mental por parte do estudante que irá consumir a audiodescrição.

Partindo do pressuposto que a audiodescrição é um recurso que possibilita o acesso e colabora para a criação de ambientes inclusivos, neste capítulo é trazida a perspectiva de recorte da produção científica brasileira nos últimos cinco anos considerando a aplicação da audiodescrição na educação básica – recorte pois a base utilizada para a busca dos artigos publicados foi apenas o Portal de Periódicos da Capes.

Para tanto, foi realizada pesquisa por artigos científicos na base supracitada. Para tanto, três buscas foram feitas, com combinação dos descritores, conforme indicado no Quadro 1, a seguir.

Como critérios para delimitação das buscas, foram considerados artigos publicados em língua portuguesa, de 2019 a 2023, em periódicos brasileiros revisados por pares. Até o momento da redação deste capítulo, nenhum artigo que atendesse aos critérios estabelecidos foi publicado em 2024.

Quadro 1 – Buscas no Portal de Periódicos da Capes

Busca	Descritores	Resultados
1	Audiodescrição + educação básica	4 retornos, com 1 repetido e outro cujo escopo não está relacionado à temática do capítulo. Considerados 2 artigos.
2	Audiodescrição + prática(s) pedagógica(s)	2 retornos
3	Audiodescrição + escola	9 retornos, com 4 repetidos e 1 descartado por se tratar de entrevista. Considerados 4 artigos.

Fonte: elaborado pela autora.

Neste capítulo, oito artigos foram considerados para análise, como indicado no Quadro 1. O

Quadro 2 aponta os artigos selecionados, organizados pela data de produção. É possível notar que, mesmo a busca tendo sido realizada em apenas uma base de dados, a produção científica brasileira que versa sobre a audiodescrição na educação básica ainda é incipiente. Ainda, quanto ao ano de produção, observa-se que 2020 foi o ano com mais publicações, seguido de 2022 e 2023. Em 2021, apenas um artigo foi publicado em cada ano, em periódico científico revisado por pares.

Quadro 2 – Referências dos artigos analisados

Ano de publicação	Autoria	Título
2020	TAVARES, M. C.; MORAES, A. B. L.	A linguagem fílmica na escola: a fantasia acessível pela audiodescrição
2020	SANTOS, S. N.; CAVALCANTE, T. C. F.	Acessibilidade e audiodescrição: um olhar para a aprendizagem dos estudantes com deficiência visual
2020	PAVÃO, A. C. O.; PAVÃO, S. M. O.	Audiodescrição na intervenção pedagógica das dificuldades de aprendizagem
2021	SANTOS, B. M.; NUNES, I. N. C.	Jogo sobre calorimetria com audio-descrição e braile para inclusão: re-lato de experiência
2022	LOPES, C. E. V.; CARVALHO JUNIOR, A. F. P.	Educação Física Escolar na pandemia: e os estudantes com deficiência visual?
2022	REIS, J. S. <i>et al.</i>	Aula de física para estudante deficiente visual durante a pandemia
2023	CEREJEIRA, T. L.T.; ALVES, J. F.	Educação, Alteridade e Audiodescrição: perspectivas dialógicas do olhar sobre a diversidade na prática pedagógica
2023	MIANES, F.L.	Audiodescrição nos processos de ensino e aprendizagem na Educação Básica

Fonte: elaborado pela autora.

Ao observar os títulos dos artigos selecionados, observa-se o enfoque nas práticas pedagógicas e a aplicação da audiodescrição nos processos de ensino e aprendizagem. Ainda, dois dos artigos selecionados para análise contemplam a temática da pandemia decorrente da covid-19, que levou escolas à reorganização das práticas pedagógicas durante os anos de 2020 e 2021, com o distanciamento social e ensino remoto emergencial, e no retorno às atividades presenciais, as quais também demandaram reorganização das estratégias pedagógicas para atender aos estudantes que passaram cerca de dois anos do período de escolarização fora do ambiente escolar.

2 AUDIODESCRIÇÃO NA EDUCAÇÃO NA PERSPECTIVA DAS PRODUÇÕES ANALISADAS

A audiodescrição pode ser um recurso potente para a efetivação da inclusão escolar, considerando contextos em que há necessidade de minimização de barreiras de acesso a imagens. Em ambientes verdadeiramente inclusivos, oferecer recursos pedagógicos adaptados (com audiodescrição, por exemplo) colabora para que todos participem das aulas. Ainda, é preciso ressaltar a importância do olhar para as potencialidades dos estudantes matriculados na turma.

Neste capítulo, a concepção de audiodescrição é a definição de Cruz (2016), como apresentado na introdução, considerando sua aplicação na educação. Nesse contexto, é possível destacar a audiodescrição como recurso de tecnologia assistiva, que permite a mediação linguística, por meio da tradução intersemiótica, para ampliar as possibilidades de acesso e, consequentemente, a concretização de um ambiente mais inclusivo e menos excludente na sala de aula comum.

A partir da leitura dos resumos, foi possível observar que os autores concebem a audiodescrição como: ferramenta pedagógica (MIANES, 2023) ou recurso pedagógico (TAVARES; MORAES, 2020); recurso de acessibilidade (PAVÃO, A; PAVÃO, S., 2020); recurso de acessibilidade (TAVARES; MORAES, 2020) e de [...] acessibilidade comunicacional que amplia a compreensão de conteúdos visuais para pessoas com deficiência visual e outros públicos” (CEREJEIRA; ALVES, 2023).

Dentre os artigos selecionados, os dados foram coletados a partir de formação de professores (MIANES, 2023); revisão de literatura (PAVÃO, A; PAVÃO, S., 2020; LOPES; CARVALHO JUNIOR, 2022); desenvolvimento de material audiovisual com audiodescrição (TAVARES; MORAES, 2020); teorias que perpassam a audiodescrição, educação e diversidade (CEREJEIRA; ALVES, 2023); ensaio teórico (SANTOS; CAVALCANTE, 2020); relato de experiência (SANTOS; NUNES, 2021; REIS *et al.*, 2022). As definições indicadas pelos autores estão em consonância com a definição de Cruz (2016) e com a de Motta (2016), que, ao tratar da audiodescrição em contextos educacionais, indica que profissionais que atuam nessa área podem “[...] utilizá-la como recurso de acessibilidade e ferramenta pedagógica que ajude na remoção das barreiras comunicacionais na escola, lugar em que se utilizam, fartamente, recursos imagéticos” (MOTTA, 2016, p. 15). Ainda, a abordagem trazida pelos autores vai ao encontro dos pressupostos da educação inclusiva, possibilitando transformar a sala de aula em um lugar acolhedor para a diversidade e a diferença, além de proporcionar, como pontua Motta (2016), a leitura de mundo e a formação cidadã dos estudantes. A autora Motta (2016, p. 23) também ressalta que a audiodescrição colabora

[...] para que os alunos façam inferências, deduções, e cheguem a conclusões, possibilitando uma participação mais completa nas múltiplas atividades escolares. É através da construção e do exercício da linguagem, que a criança interpreta as informações que chegam até ela pelos diversos caminhos perceptuais.

Essa concepção das possibilidades de aplicação da audiodescrição na escola vai ao encontro do planejamento de aulas pautado nas abordagens universalistas (MENDES, 2023), como o desenho universal para a aprendizagem, por exemplo, a qual dá suporte ao professor para preparar aulas que sejam inclusivas, considerando, ao mesmo tempo, todos e cada um. A audiodescrição pode ser um recurso de tecnologia assistiva utilizado não somente aos estudantes com deficiência visual, mas a toda a turma. Estudos mostram que outros públicos podem se beneficiar, como: estudantes com surdez e deficiência auditiva (RIBEIRO; LIMA, 2012), pessoas com deficiência intelectual (FRANCO, 2010; 2018; CARNEIRO, 2017) e idosos (MOTTA; FILHO ROMEU, 2010). No contexto da sala de aula, todos podem se beneficiar desse recurso, uma vez que, viabiliza o aprimoramento da

fluência verbal e, para aqueles estudantes que trabalham na elaboração de discursos audiodescritivos, essa prática pode colaborar com a ampliação do repertório lexical e do manejo da língua portuguesa, considerados os elementos que perpassam a construção desse gênero – seja roteiro de audiodescrição de imagens dinâmicas, seja a audiodescrição de imagens estáticas.

Lopes e Carvalho Junior (2022) indicaram como a audiodescrição pôde ser utilizada junto a estudantes com deficiência no contexto pandêmico, nas aulas de educação física. Tais práticas, contudo, podem ser utilizadas também em contextos presenciais, como para tradução de vídeos e imagens, descrição de lugares, movimentos e atividades. Especificamente na educação física, os autores indicam a necessidade de audiodescrever os movimentos que compõem uma atividade. Ainda, ressaltam que os demais colegas da turma podem também incorporar elementos audiodescritivos em seus discursos.

Quanto aos artigos que trazem discussões teóricas, Pavão, A. e Pavão, S. (2020) e Cerejeira e Alves (2023) trazem reflexões quanto à necessidade de revisitar a prática pedagógica para inclusão da audiodescrição no contexto educacional, o que se relaciona aos pressupostos da educação inclusiva, a qual aponta que, para que o ambiente se torne sem barreiras, é preciso adequações tanto no âmbito arquitetônico, quanto no pedagógico e no atitudinal. Cerejeira e Alves (2023, s.p.) pontuam que é necessária a “adoção de uma postura acessível por parte dos educadores”, para que possam implementar a audiodescrição na práxis docente. Essa postura está relacionada aos valores da inclusão e à minimização das barreiras atitudinais, que ainda se configuram como entrave ao processo inclusivo na educação. Vale lembrar que a audiodescrição é um recurso de tecnologia assistiva que não prevê custos para ser implementada nas aulas. Porém, para tal aplicação, é necessária a formação docente para compreender os princípios e as possibilidades de uso em sala de aula. Nessa perspectiva, Pavão, A. e Pavão, S. (2020), ao estudar a audiodescrição como recurso para a intervenção pedagógica das dificuldades de aprendizagem, têm como resultado do estudo realizado a falta de formação, tanto de audiodescritores, quanto do professor para incluir esse recurso que colabora para a mediação pedagógica e para os processos inclusivos

na educação básica. As autoras destacam também a “[...] necessidade de instituir/emergir uma nova cultura envolvendo o entendimento sobre a aprendizagem e a inserção de recursos mediadores” (PAVÃO, A.; PAVÃO, S., 2020, p. 01).

Outros estudos abordam a falta de formação de professores. Mianes (2023), ao debruçar-se sobre a audiodescrição na Educação Básica, e a partir da oferta de formação a professores, constatou que a audiodescrição ainda é desconhecida por parte desses profissionais, indicando a falta de disciplinas na formação inicial e cursos para a formação continuada. Mianes (2023, p. 38) pontua também que:

Se as obras audiovisuais contassem com audiodescrição, ou as imagens dos livros didáticos estivessem em formato acessível e as instituições escolares planejassem com antecedência a acessibilidade em todos os seus processos e atividades, essa responsabilidade dos docentes seria compartilhada.

Nessa mesma perspectiva, Pavão, A. e Pavão, S. (2020) apontam que o uso crescente dos recursos de Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) na sociedade reflete nas escolas, onde professores têm utilizado mais recursos imagéticos, como vídeos e imagens estáticas, muitas vezes sem recursos de acessibilidade, o que pode se configurar como barreira ao processo de aprendizagem tanto de estudantes com deficiência visual, quanto de estudantes que tenham dificuldades.

Lopes e Carvalho Junior (2022) também ressaltam a necessidade de ampla divulgação da audiodescrição no contexto educacional, destacando que os materiais didáticos (sejam digitais, audiovisuais ou impressos) devem conter audiodescrição como recurso de acessibilidade. Santos e Cavalcante (2020, p. 01), em ensaio teórico sobre a audiodescrição de imagens em livro didático, reforçam que a audiodescrição se configura como “ferramenta de adequação pedagógica contributiva para o acesso às imagens por estudantes com deficiência visual”. Os autores destacam a audiodescrição como recurso facilitador para o processo de aprendizagem, já que

viabiliza a igualdade de oportunidades entre os estudantes.

Em relação à aplicação da audiodescrição para a tradução de imagens dinâmicas, mais especificamente filmes, Tavares e Moraes (2020) realçam a importância de proporcionar aos estudantes assistir a filmes com audiodescrição, principalmente no âmbito educacional. As autoras apontam que o acesso à linguagem fílmica colabora para a formação de conceitos, sejam reais ou ficcionais.

Como pontuam Motta (2016) e Mianes (2023), a audiodescrição colabora para que os estudantes aprendam em condições equiparadas de oportunidade. Com a audiodescrição adequada no material didático, ou em outros momentos da aula, o estudante com deficiência visual pode ter acesso ao universo imagético e participar da aula e das atividades propostas (desde que sejam pensadas na perspectiva inclusiva) em igualdade aos outros alunos da turma.

Essa equiparação de oportunidades é apontada por Santos e Nunes (2021), que relatam a aplicação de um jogo na aula de física, com audiodescrição e braile, no terceiro ano do ensino médio. Essa atividade proporcionou a interação entre os estudantes participantes e colaborou positivamente para o processo de aprendizagem dos estudantes. Reis *et al.* (2022) aplicaram também sequência didática, no período pandêmico, a estudante com deficiência visual, para o ensino de física. Consideradas as especificidades daquele momento, as autoras apontam que os resultados da adaptação, com o uso da audiodescrição, foram positivos para o processo de aprendizagem do estudante com deficiência visual participante da pesquisa.

Embora a audiodescrição esteja presente no Brasil há mais de dez anos, e existam obras como a de Motta (2016), que traz apontamentos para a inclusão da audiodescrição em sala de aula, observa-se duas lacunas que precisam ser supridas, como pontuado por Mianes: as ações para formação inicial e continuada de professores que contemplem a audiodescrição como recurso tradutório e pedagógico se fazem urgentes, bem como a produção de políticas públicas que contemplem o uso da audiodescrição na escola.

Além disso, tenho ressaltado que a cultura inclusiva precisa estar presente nos ambientes, principalmente o educacional, pensando em como minimizar as barreiras de acessibilidade, em todas as suas dimensões – da atitudinal à arquitetônica e pedagógica.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo, é abordada a audiodescrição na educação básica, a partir do olhar das produções científicas no contexto nacional nos últimos cinco anos. A partir da busca realizada, apenas oito produções foram identificadas. Mesmo com as limitações do levantamento apresentado neste capítulo, isso aponta para lacunas na pesquisa brasileira quanto à aplicação da audiodescrição na educação básica.

Os artigos apontam para lacunas na formação de professores, tanto na formação inicial, quanto na formação continuada e em serviço. Os professores não podem ser culpabilizados por essa falha nos cursos de formação, portanto. Com o desconhecimento da audiodescrição e de seus princípios e técnicas, o docente dificilmente consegue implementar a audiodescrição de forma efetiva em sua prática pedagógica, de forma a garantir a equiparação de oportunidades e viabilizar que os estudantes trabalhem com seus potenciais ao longo das aulas.

Faz-se necessário, portanto, planejar e implementar ambientes inclusivos, com a minimização de barreiras atitudinais, arquitetônicas e pedagógicas, com a disponibilização de materiais didáticos que sejam acessíveis.

Ainda, a produção de pesquisas que evidenciem as possibilidades de uso da audiodescrição se faz necessária. Embora este capítulo apresente limitações, como já pontuado, faltam pesquisas que aprofundem a investigação quanto à aplicação da audiodescrição na educação básica na prática. Como são as práticas pedagógicas que contemplam esse recurso? Como a audiodescrição tem sido utilizada nos ambientes escolares? As audiodescrições produzidas realmente têm colaborado para o processo de inclusão dos estudantes? E estudantes sem deficiência visual, como têm se

beneficiado da inserção desse recurso nas aulas na educação básica? Há diferenças contextuais por região do Brasil, ou por tipo de escola? Como é a implementação da audiodescrição na rede profissional e tecnológica, em que os estudantes têm aulas, geralmente, em período integral, e em disciplinas que fazem parte do núcleo de formação comum e da área técnica do curso. Esses são alguns questionamentos que podem vir a nortear pesquisas futuras.

4 REFERÊNCIAS

BRASIL. Presidência da República. Secretaria Especial dos Direitos Humanos. **Ata VII reunião do Comitê de ajudas técnicas – CAT**, realizada nos dias 13 e 14 de dezembro de 2007. Brasília, DF, Corde, 2007.

CARNEIRO, B. C. S. Audiodescrição e o público com deficiência intelectual. **Cultura e Tradução**, v. 4, n.1, 2017.

CEREJEIRA, T.L.T.; ALVES, J. F. Educação, Alteridade e Audiodescrição: perspectivas dialógicas do olhar sobre a diversidade na prática pedagógica. **Revista Linguagem em Foco**, Fortaleza, v. 15, n. 2, p. 66–78, 2023. Disponível em: <<https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/10668>>. Acesso em: 5 abr. 2024.

CRUZ, A. M. L. **A audiodescrição na mediação de alunos com deficiência visual no ensino médio**: um estudo com a disciplina de geografia. 188 f. Tese (Doutorado em Informática na Educação) – Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação, Porto Alegre, 2016.

FRANCO. E. P. C. Audiodescrição e deficiência intelectual: Um estudo sobre o papel do usuário. **Inventário**, n. 21. Salvador, jul. 2018.

FRANCO. E. P. C. Audiodescrição: breve passeio histórico. In: MOTTA, L. M. V.; ROMEU FILHO, P. **Audiodescrição**: Transformando imagens em palavras. Secretaria de Estado dos Direitos da Pessoa com Deficiência. 2010.

LOPES, C. E. V.; CARVALHO JUNIOR, A. F. P. Educação Física Escolar na pandemia: e os estudantes com deficiência visual? **Revista Didática Sistemática**, [S. l.], v. 23, n. 2, p. 154–168, 2022. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/redsis/article/view/13616>>. Acesso em: 5 abr. 2024.

MENDES, E.G. (org.). **Práticas inclusivas inovadoras no contexto da classe comum** - dos especialismos às abordagens universalistas. Campos dos Goytacazes, RJ: Encontrografia Editora, 2023.

MIANES, F. L. A audiodescrição nos processos de ensino e aprendizagem na Educação Básica.

Revista Linguagem em Foco, Fortaleza, v. 15, n. 2, p. 30–46, 2023. Disponível em:

<<https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/10620>>. Acesso em: 5 abr. 2024.

MOTTA, L. M. V. M. **Audiodescrição na escola**: abrindo caminhos para leitura de mundo.

Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.

MOTTA, L. M. V. M. **Audiodescrição na escola**: abrindo caminhos para leitura de mundo. Juiz de Fora: NGIME/UFJF, 2015.

MOTTA, L. M. V.; FILHO ROMEU, P. **Audiodescrição**: Transformando imagens em palavras.

Secretaria de Estado dos Direitos da Pessoa com Deficiência, 2010.

PAVÃO, A. C. O.; PAVÃO, S. M. de O. Audiodescrição na intervenção pedagógica das dificuldades de aprendizagem. **Educação e Fronteiras**, Dourados, v. 10, n. 28, p. 34–45, 2020. Disponível em:

<<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/educacao/article/view/13014>>. Acesso em: 5 abr. 2024.

REIS, J. *et al.* Aula de física para estudante deficiente visual durante a pandemia. **Rev. estud. exp. educ.**, Concepción, v. 21, n. 47, p. 472-492, dic. 2022. Disponível em:

<http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-51622022000300472&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 5 abr. 2024.

RIBEIRO, E. N.; LIMA, F. J. de. Contribuições da áudio-descrição para a aprendizagem de educandos surdos. **Revista Brasileira de Tradução Visual**, [s. l.], n. 10, 2012.

SANTAELLA, L. **Leitura de imagens**. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

SANTOS, B. M.; NUNES, I. N. C. Jogo sobre calorimetria com áudio-descrição e braile para inclusão: relato de experiência. **Revista De Enseñanza De La Física**, n. 33, v. 1, p. 105–118, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.55767/2451.6007.v33.n1.33282>>. Acesso em: 5 abr. 2024.

SANTOS, S. N.; CAVALCANTE, T. C. F. Acessibilidade e audiodescrição: um olhar para a aprendizagem dos estudantes com deficiência visual. **Educação: Teoria e Prática**, [S. l.], v. 30, n. 63, p. 1–19, 2020. Disponível em:

<<https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/educacao/article/view/13840>>. Acesso em: 5 abr. 2024.

TAVARES, M. C.; MORAES, A. B. L. A linguagem fílmica na escola: a fantasia acessível pela audiodescrição. **Revista Educação, Artes e Inclusão**, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 289–306, 2020.

Disponível em: <<https://revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/10571>>. Acesso em: 5 abr. 2024.